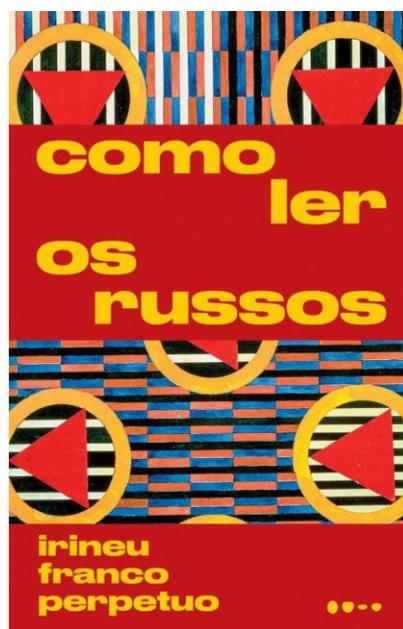


**PERPETUO, Irineu Franco. *Como ler os russos*. São Paulo: Todavia, 2021, 304 p.**



Fonte: Divulgação

Aurora Bernardini<sup>1</sup>

Por que será que a literatura russa é tão lida no Brasil, pergunta-se Irineu Franco Perpetuo na abertura de seu livro *Como ler os russos* (Todavia, 2021). Pergunta oportuna, passível de várias respostas: além das razões histórico-geográficas (são dois países continentais e, ambos, relativamente novos), há as histórico-políticas: ambos foram países com senhores “feudais”, com uma sensível separação entre povo servil e elite abusada (pense-se no boom de leituras dos realistas socialistas russos suscitado, aqui no Brasil também, pela repercussão da Revolução Russa que pretendia acabar com essa elite!) e ambos são países de gente alegre, hospitaleira e crente, gente que tem “sede de fé”, como dizia Dostoiévski e de discussões sobre “coisas eternas”. Mas não só: na longa viagem que vai dos primórdios da reunião das tribos eslavas (os russos começaram a ser alfabetizados no alfabeto cirílico apenas no século VIII, conforme se sabe, pelos monges búlgaros Cirilo e Metódio) até, praticamente, nossos dias, Irineu vai

<sup>1</sup> Professora de pós-graduação em Literatura e Cultura Russa da USP. E-mail: E-mail: bernaur2@yahoo.com.br.

abordando autores que – cada um à sua maneira – têm o condão de continuar cativando os leitores brasileiros.

Além dos fatos em si, das obras e dos autores -- os escritores de grande calibre não precisando serem descobertos e os em vias de o serem, sendo apresentados ao leitor --, muito se deve à maneira em que essa viagem é descrita.

Quanto aos fatos, o tom familiar e jocoso com que o autor consegue incluí-los em um tipo de anedota é particularmente atraente. Veja-se um exemplo. Nos tempos antigos, “os príncipes do norte transferiram-se para Kíev, que seria o centro da Rus, a Rússia primordial, onde, ainda de acordo com a *Narrativa dos tempos passados* -- crônica monástica de autoria indefinida, compilada na segunda década do século XII no Monastério das Cavernas, em Kíev , tão saborosa do ponto de vista estilístico quanto pouco confiável do factual --, no final do século X, o príncipe Volodimir, desejoso de abandonar o paganismo, recebeu emissários de três religiões monoteístas – judaísmo, islamismo e cristianismo – para escolher à qual se converteria. Rejeitou as duas primeiras, sendo sua recusa da crença maometana especialmente célebre: “[...] mas eis o que o desagradou: a circuncisão das partes e a abstenção de carnes suínas e, sobretudo, da bebida. Disse ele: ‘Para os russos a bebida é alegria, sem ela não podemos ficar’”. E a Rússia, assim, tendo assegurado o direito inalienável à carraspana, uniria seu destino à fé de Bizâncio.”

Quanto às obras, lembrando das recomendações nas aulas de Antonio Candido: “não façam paráfrases nem se aventurem a analisar uma obra sem haver descoberto, após sua leitura atenta, quais os elementos notáveis, qual o prisma através do qual interpretá-la, qual sua estrutura, qual sua função... e não esqueçam, a análise implica interpretação, comentário, e isso exige seu tempo...”, Irineu resolveu a questão da forma mais satisfatória para seu livro: reuniu o essencial da melhor fortuna crítica a respeito de cada obra e deixou o leitor tirar suas próprias conclusões.

No que concerne aos autores, embora em sua quase totalidade se trate de escritores já publicados no Brasil ( uma das balizas do autor foi, justamente, a recepção deles no Brasil), ao lado dos consagrados ( há muitos novos entre eles!) e dos consagradíssimos (Púchkin, Dostoiévski, Tolstói, Gógol e Tchékhev...) há referências, *en passant*, a uma série de outros e outras, a críticos e filósofos inclusive, que, frutos colhidos também da estada recente do autor na Rússia, mesmo que ainda não

traduzidos, já suscitaram interesse e já se encontram nas notas e na bibliografia, por sinal, rigorosas e exaustivas.

Falando-se da recepção no Brasil, é surpreendente e louvável a atenção que Irineu deu aos estudiosos e tradutores que, direta ou indiretamente, estão dando continuidade à obra de Boris Schnaiderman. Mas teve ainda o cuidado de levantar o provável pioneiro da tradução direta do russo no Brasil, certo Georges Seltzoff, cuja *Edição Cultura* publicou, entre 1930-32 uma *Bibliotheca de Auctores Russos* e cuja irmã, Liuba Kusnetsova (acrescento eu) foi uma grande cantora folclórica na Rússia dos anos vinte que, fugindo da invasão nazista e tendo vindo ao Brasil, reuniu, aqui em São Paulo, um grande número de alunos.

No que se refere aos arredores da série literária – ou como as chama em seus *Escritos sobre Literatura* o príncipe N.S. Trubetskói, pai da Fonologia e crítico literário, amigo de Jakobson e Tyniánov –, às “séries” biográfica, histórica, etc. que constelam obras e autores, elas não deixam de ser originais e... inquietantes. Entre as primeiras estão as informações precisas que vão desde as origens e as peripécias da língua russa, às utopias e distopias a que levaram os diferentes governos, até o presente. Entre as segundas está o reverso da impressão que se tem em cidades como Moscou e Petersburgo, em que as pessoas leem literatura continuamente, em qualquer meio de transporte e até na rua. Aqui vão dois depoimentos significativos. O primeiro é o reportado de Ievguêni Dobrenko, dado à Folha de S. Paulo (2016): “Se a literatura russa sempre fora percebida como mais ‘do que apenas literatura’ e única tribuna social, agora não é mais o caso: a literatura na Rússia hoje é livre porque ninguém mais precisa dela.” O segundo depoimento é de Maria Zambalani, professora de Eslavística junto à Universidade de Pádua: “... o fim do centrismo literário na cultura russa e a perda do poder da literatura como detentora da Palavra: todas essas mudanças fazem a literatura menos temível para o Estado que pode, frequentemente, assim, ignorar o processo literário. Contudo, o campo da informação ainda é pesadamente condicionado pelo poder político. Assim, na era Pútín, o preço que o escritor tem que pagar por uma autonomia aparente é viver o mais distante possível do campo do poder, curvando-se cada vez mais ao poder do mercado.”

E a conclusão de Irineu: “Transformados de profetas em mercadorias, os escritores russos estão tendo que se reinventar.”